

Eduardo de Andrade Azevedo

CORPO E MÚSICA: presença na escola.

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Belo Horizonte

2009

Eduardo de Andrade Azevedo

CORPO E MÚSICA: presença na escola.

Trabalho de monografia realizado como requisito para obtenção do título de Licenciado em Educação Física, da EEEFTO/UFMG.

Orientador: Prof. José Alfredo Debortoli.

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2009

RESUMO

Procurei neste estudo problematizar a presença do corpo e da música na escola. Voltei meu olhar primeiramente para a escola e suas formas organizacionais. No desenvolvimento do trabalho levantei questões relacionadas ao corpo e sua presença na escola e na sociedade, assim como a importância de se valorizar a cultura inerente a esses corpos. Concluo o trabalho falando da música como forma de interação, socialização e enriquecimento cultural, que por sua vez dá sentido e significado na vida dos jovens.

Palavras-chave:

Música, Cultura, Corpo, Escola e escolarização.

“ os jovens sentem através da música alguma coisa que não podem explicar nem exprimir: uma possibilidade de reencontrar o sentido”

Hans H. Muchow.

Agradecimentos

Ao meu grande mestre e orientador Zé Alfredo. Obrigado por me acolher nos projetos, pelas aulas, pela paciência e compreensão. A Fernanda pelo apoio incondicional. A todos meus amigos. A minha família. Aos professores e funcionários da Escola de Educação Física. Deixo aqui meu muito obrigado!

O pulso ainda pulsa
O pulso ainda pulsa...
Peste bubônica
Câncer, pneumonia
Raiva, rubéola
Tuberculose e anemia
Rancor, cisticirrose
Caxumba, difteria
Encefalite, faringite
Gripe e leucemia...
E o pulso ainda pulsa
E o pulso ainda pulsa
Hepatite, escarlatina
Estupidez, paralisia
Toxoplasmose, sarampo
Esquizofrenia
Úlcera, trombose
Coqueluche, hipocondria
Sífilis, ciúmes
Asma, cleptomania...
E o corpo ainda é pouco
E o corpo ainda é pouco
Assim...
Reumatismo, raquitismo
Cistite, disritmia
Hérnia, pediculose
Tétano, hipocrisia
Brucelose, febre tifóide
Arteriosclerose, miopia
Catapora, culpa, cárie
Câimba, lepra, afasia...
O pulso ainda pulsa
E o corpo ainda é pouco
Ainda pulsa
Ainda é pouco

O Pulso, Arnaldo Antunes

SUMÁRIO

1	Introdução	08
2	A Escola	13
3	O Corpo	18
4	A Música	22
5	Considerações Finais.....	26
6	Referências Bibliográficas.....	28

1. INTRODUÇÃO

Buscando melhorias no processo educativo, um novo modelo escolar começou a ser implantado. As chamadas "escolas isoladas" foram extintas por não atender aos interesses educativos impostos pelos governantes. Assim, surgiu um novo modelo escolar com o qual se pretendia muito mais que apenas instruir as crianças. Fazia-se necessário educá-las nas boas maneiras e dar-lhes uma profissão. Uma revolução dos costumes estava sendo iniciada, visando apenas os benefícios econômicos, pois, teremos em vez de um exercito de analfabetos, operários suficientemente preparados para cumprir seus deveres com inteligência e aptidão. Esse novo modelo de escola provocaria nas crianças mudanças de sensibilidade, de linguagem, de comportamentos e perspectivas pessoais.

Essa nova forma escolar subestima o conhecimento e o saber que os alunos portavam, ignora o corpo cultural dotado de sabedorias e práticas culturais realizadas em outros tempos e espaços sociais, como a casa, a rua, o parque. Para essa escola o "saber" não interessava e deveria ser substituído pelo "saber" que a própria escola julgava importante, influenciada por interesses sociais ainda maiores.

O advento desse novo molde escolar tem em vista responder à expectativa de formar aqueles que seriam os cidadãos republicanos - civilizados, de maneiras amaciadas, disciplinados, sadios e trabalhadores ordeiros, que assim poderiam contribuir para o desejado progresso social. (VAGO, 1999).

Nessa cultura escolar que surgia, pretendia-se que o cultivo do corpo começasse já na arquitetura do prédio. Estes deveriam ser próprios para as escolas, imponentes, majestosos, higiênicos e assépticos, considerados templos do saber. Os espaços deveriam ser eles mesmos educativos. Surgiam os grupos escolares providos de "livros didáticos, mobília e todo o material de ensino prático e intuitivo. Haveria uma organização dos tempos de forma que garantisse a realização dos programas escolares responsáveis pela "Revolução de Costumes".

Em meio a esse caldeirão de transformações a Educação Física se fortalece e se justifica contribuindo na construção de corpos saudáveis e dóceis que permitisse uma adequada adaptação ao processo produtivo ou a uma perspectiva política nacionalista. Posteriormente, com o desenvolvimento esportivo, agregou-se à Educação Física a função de formar atletas. Esse caráter esportivista se deu, uma vez que existiam fortes influências políticas para se preparar novas gerações de atletas representantes do país no campo esportivo internacional.

Assim, cada vez mais o corpo se tornava retraído, pressionado, menosprezado, subestimado pelos métodos e processos de educação. A escola se tornara um local de formação de cidadãos aptos ao trabalho. Sujeitos preparados para enfrentar as demandas da sociedade trabalhadora, ignorante culturalmente. O corpo cultural, pensante, histórico, não fazia parte dos interesses da sociedade capitalista.

Entretanto, basta entrar na escola para sentir a presença do corpo neste espaço. Mesmo que retraído, o corpo se apropria dos espaços, burla regras e se faz ativo e vivo naquele contexto. O aluno é dotado de uma história e traz tudo que foi vivido para dentro dos muros escolares. Porque a escola trata o corpo sócio-cultural como vazio?

A escola existe para o aluno e não para ela mesma e, a partir dessa lógica podemos começar a pensar em projetos que coloquem *o corpo* como sujeito e não *o conteúdo* como sujeito. Assim, novas formas de organizar os espaços e os tempos escolares poderão surgir de forma que a escola se torne mais social, e principalmente mais humana.

Muitas vezes a escola julga os comportamentos fora dos padrões pré-estabelecidos - por ela mesma - como inadequados. Nos momentos em que poderiam acontecer relações e interações entre os alunos, professores e coordenadores entram em cena minando qualquer tipo de tentativa de expressão. Os alunos são estimulados a ficarem calados, quietos, estáticos mesmo estando inseridos em um contexto que os induz às relações, à criatividade, às artes.

Toda escola tem uma classe dominante e uma classe dominada: a primeira formada por professores e administradores que detém o monopólio do saber, e a segunda formada pelos alunos que detém o monopólio da ignorância (ALVES, 2000).

Ao olhar mais atentamente para a escola, percebo que o teatro, a dança, a música, os esportes afloram nos comportamentos e atitudes dos estudantes. São expressões que vem de dentro da alma, no entanto, são reduzidos e menosprezados pelo modelo tradicional de educação. Seriam os alunos incapazes ou impossibilitados de participar ativamente do processo de ensino aprendizagem? Os alunos não possuem conteúdos interessantes o suficiente para serem compartilhados e transmitidos a outros alunos? Que escola é essa?

Os jovens lançam mão da dimensão simbólica como a principal e mais visível forma de comunicação, expressa nos comportamentos e atitudes pelos quais se posicionam diante de si mesmos e da sociedade. (Dayrell,2005).

Distante dos olhos dos pais, professores, diretores e coordenadores, o aluno se mobiliza e deixa de ser mero consumidor da cultura para se tornar protagonista de sua própria história. Esse processo acontece não somente entre jovens de classe média, mas também entre alunos da periferia, o que desconstrói a idéia de que estão apenas vinculados à violência e à marginalidade.

Dentre as tantas manifestações culturais vividas na escola, escolherei trabalhar com o campo da Música por ser um importante tema da cultura vivenciado pelos jovens no Brasil. Além disso, estou envolvido com a música desde os primeiros anos de minha vida, quando escutava meu falecido avô pincelar algumas notas no Acordeom. Eram freqüentes, também, as "rodas de cantoria" embaladas pelo violão tocado por meu pai nas reuniões de família.

O que pretendo nesse estudo é enfatizar a presença - ou tentativa incessante de estar presente - dessas manifestações culturais nas escolas, principalmente as musicais e, destacar o sujeito como promotor de cultura e gerador do conhecimento além do currículo tradicional escolar. Despertar a sensibilidade na escola acerca do que o corpo é capaz de realizar e desenvolver dentro dos muros escolares através das artes.

Um passo possível em direção a novas formas de organizar a escola seria entender o aluno como sujeito sócio-cultural.

Sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. (CHARLOT, 2000).

Assim, o aluno não é um “livro em branco” nem mesmo um “texto acabado”. Possui uma bagagem cultural adquirida no passado e está aberto a novas experiências e aprendizados futuros.

Acredito que a escola, além de preparar os jovens para o trabalho, seja um espaço de socialização, de afirmação da identidade, de práticas sócio-libertadoras. No entanto, muitos são os estudos dedicados aos jovens relacionando trabalho e educação, deixando de lado o olhar para o jovem sujeito-sócio-histórico, o que justifica o desenvolvimento desse trabalho sobre jovens numa perspectiva do corpo e seu envolvimento com as artes (música).

Logo, problematizo a possibilidade de um olhar mais carinhoso para o campo das artes enquanto ferramenta educacional, podendo essa estar aliada a outras formas de ensino, fazendo da escola um espaço mais interessante, motivador e principalmente mais humano.

2. A escola

Recheada de determinismos sociais a escola se faz. Impera sobre ela a lógica do controle corporal. Corredores indicam aonde ir. Portões indicam onde entrar. Sala de aula tem quadro, quadra tem bola. O pátio central, ponto de encontro, de cumprimentos e despedidas, rápidas. Aluno aprende. Professor ensina. Português, Matemática, História. Enfim, conteúdos programáticos que devem ser seguidos a risca. Seja no sul ou no norte, os conteúdos devem ser seguidos. E as diferenças, onde entram? As artes estão presentes? Porque a escola continua a ser o que ela é? O que é que se repete? O que faz com que se imponha um modo de funcionar que, se não cuidarmos para que seja diferente, se instaura quase que “naturalmente” na escola?

Tentando buscar respostas, no decorrer do trabalho farei uma breve descrição de duas teorias: a teoria da “forma escolar” (Vincent, Lahire, Thin, 2001), que acredita num modelo de escola ideal, singular e único, e a proposta da “aprendizagem situada” em comunidades de prática (Lave e Wenger, 1991), que traz conceitos mais amplos e acredita numa educação plural, cultural, mobilizando seus conteúdos e propostas pedagógicas de acordo com a sociedade em si.

A Teoria da Forma Escolar se caracteriza por autonomizar o processo educativo e considerar que a escola seja um espaço por excelência, dedicado ao ensino aprendizagem. Segundo Gomes (XXXX), as principais características ou os traços distintivos da forma escolar seriam: a constituição de um universo separado para a infância; a importância das regras; a organização racional do tempo; a multiplicação e a repetição dos exercícios, cuja única função consiste em aprender e aprender conforme as regras ou, dito de outro modo, tendo por fim seu próprio fim. A escola é pensada como unidade, ou seja, modelo único que funcionaria independente de tempos, relações sociais, sujeitos diferentes, práticas diferentes.

Tempos atrás freqüentar a escola era garantia de um futuro promissor, onde o aluno concluía os estudos e praticamente garantia sua inserção no mercado de trabalho. Essa lógica por muito tempo imperou e garantiu a presença dos alunos na sala de aula, motivados pela certeza de melhoria de vida ao fim do período escolar.

Com a explosão do curso superior e, conseqüentemente das provas de vestibular, freqüentar a escola passou a ser importante, uma vez que se fazia necessário ser aprovado no temido vestibular. A escola era julgada de acordo com o percentual de aprovação nos vestibulares e não pela qualidade do ensino, valorização do corpo, ética, respeito. Os pais preocupados com o futuro dos filhos tendem a reforçar essa idéia e, conseqüentemente matriculam seus filhos em escolas donas de altos índices de aprovação, pois acreditam que a formação superior é a única forma de realização profissional.

Em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro. (DAYRELL, 2003).

A escola não pode continuar reduzida a ótica cognitiva, conteudista, homogeneista. Segundo (Dayrell, 1996) “essa lógica instrumental reduz a compreensão de educação e de seus processos a uma forma de instrução centrada na transmissão de informações. Reduz os sujeitos a alunos, apreendidos sobretudo pela dimensão cognitiva”. O conhecimento é visto como produto, sendo enfatizados os resultados da aprendizagem e não o processo.

Vejo que atualmente, terminar os estudos não garante a aquisição de um bom emprego. Desmotivados e descrentes de uma possível aprovação nos vestibulares de universidades gratuitas, os alunos, principalmente os de periferia e bairros mais carentes, buscam outras formas de sustentação, muitas vezes facilitada pela realidade social vivida por eles, o que acaba por intensificar a evasão e/ou a permanência invisível na escola.

Portanto, cada vez mais a escola se torna desinteressante e ultrapassada. Tradicionalmente a escola elege conteúdos dados como necessários a formação dos alunos.

A educação que privilegia a transmissão de conhecimentos e em que não há quase nenhum espaço para a expressão pessoal, inviabiliza a participação efetiva do educando, afastando-o da responsabilidade que deve assumir pelo processo de construção do seu conhecimento (PEREIRA, 2000)

O currículo traz o que deve ser trabalhado e ensinado, o que mantém a lógica de escola que ensina o que “deve” ser ensinado. Ignoram a presença de um corpo que transborda conteúdos e é capaz de se expressar, transmitir, compartilhar experiências.

"A aprendizagem de conteúdos é uma aprendizagem sem corpo, e não somente pela exigência de o aluno ficar sem movimentar-se, mas, sobretudo, pelas características dos conteúdos e dos métodos de ensino, que o colocam em um mundo diferente daquele no qual ele vive e pensa o seu corpo" (Gonçalves, 1994, p.34).

Em uma pesquisa realizada com jovens da periferia de Belo Horizonte, DAYRELL (2003), observou que a escola é lembrada como um espaço pouco envolvente e distante dos interesses e necessidades dos alunos. João, um jovem rapper disse em entrevista: “a escola não me cativava, não me despertava interesse, era um saco... aí eu fui desinteressando pelo estudo”. Na fala deste aluno fica evidente que a escola não desperta interesse nos alunos. A desvalorização do corpo e a imposição de conteúdos, aliados ao objetivo menor de preparação para o futuro, fazem dessa escola um espaço pobre, carente de mudanças e reformas.

Tantas são as formas de se educar pela música, pela dança, pelos jogos, pelas artes de forma geral. Expressões essas, capazes aproximar a realidade vivida pelos corpos com o ambiente escolar, valorizando as emoções, os sentimentos, as formas de pensar, as escolhas pessoais, a criatividade, e principalmente, dando voz ao corpo, os possibilitando de falar por eles mesmos.

Faz-se necessário focalizar os processos de aprendizagem que se dão no cotidiano. A teoria da aprendizagem situada que “mantém o foco da atenção nos processos locais, onde interessa compreender a variedade de percursos que se dão em diferentes contextos de aprendizagem para deles extrair algumas indicações quanto à forma de conceituar a própria aprendizagem”. (GOMES, 2007).

“a escola é a água que a criança não quer beber. Porém, as instituições são criações humanas e podem ser mudadas. E, se forem mudadas os professores aprenderão o prazer de beber de águas

de outros ribeirões e voltarão a fazer as perguntas que faziam quando eram crianças” (ALVES, 2003).

Sendo assim, a escola deveria se voltar a novas possibilidades educativas. Pode e é capaz de inovar e recriar métodos e processos educativos sem que sejam excluídos os moldes tradicionais de ensino. Isso não significa o abandono dos conteúdos e sim a abertura a novos olhares sobre o processo de educação.

3. O corpo

Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade (DAYRELL, 2003).

Entendo, assim como DAYRELL (2003), “que os corpos são sujeitos sociais que, como tais, constroem um determinado modo de ser jovem”. Corpos, sujeitos sociais, presentes na escola. Porém, antes de iniciar uma discussão sobre a presença do corpo na escola, se faz necessário o entendimento que será dado ao mesmo neste trabalho.

A visão antropológica nos possibilita ver o corpo como uma entidade maior do que um conjunto de ossos, nervos e células. O corpo é, portanto, biológico, mas é também cultural, sociológico e histórico. Sendo assim, existe o caráter natural e o cultural, sendo estes indissociáveis.

Segundo DAOLIO (2001), “o aparato biológico oferece ao homem potencialidades para seu perfeito funcionamento, mas são as formas específicas de cultura que vão colorindo os espaços em branco deixados pela generalidade biológica, dando sentido e direção aos comportamentos corporais humanos”.

A cultura é a própria condição de existência do homem, exatamente aquilo que o diferencia de outros animais (GEERTZ, 1997).

Os corpos são todos idênticos na parte biológica. O que diferencia um ser humano de outro é justamente o comportamento.

Afirmar que um corpo possui cabeça, tronco e membros ou número definido de ossos é tão óbvio quanto inútil. Quando tentamos definir uma certa sociedade com base em seus comportamento corporal, estamos o tempo todo falando de sua cultura, expressa no corpo e pelo corpo. Portanto o que vai ser determinante na definição de corpo para uma sociedade, além do conjunto de hábitos e posturas próprias desse grupo, será o próprio conceito de corpo construído e reconstruído na dinâmica cultural dessa sociedade (DAOLIO, 2001).

O corpo está presente na escola em sua totalidade – cultural e biológico. Assim, as práticas educativas deveriam contemplar as duas faces dessa moeda. No entanto, corpo é lembrado apenas no caráter biológico, e, na maioria das vezes, apenas nas aulas de Educação Física com forte influência da Medicina Higienista do sec. XIX.

O aluno ao ingressar na escola leva e traz conteúdos. Segundo DAYRELL (2003), “o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere”. Porém, a escola insiste em manter um modo de se organizar que minimiza essa potencialidade do corpo. Desvaloriza as relações humanas,

delimita e determina as ações dos sujeitos, ignora a cultura e as diferentes possibilidades de aprendizado a partir dessa lógica.

A escola padroniza os modos de agir, pensar, sentir. Dissocia a totalidade humana que o corpo possui. Supervaloriza o biológico, operações cognitivas e ignora experiências corporais e culturais. Os livros didáticos, a metodologia, as disciplinas, a arquitetura minimizam as ações corporais.

Por sua vez, o corpo não foi feito para se calar. Está o tempo todo se expressando. São os grupos religiosos, os grupos de capoeira, os grafiteiros, os poetas, as rodas de violão, os skatistas, os atletas, os grupos de rap e de Hip Hop. O corpo se desdobra, cria e recria formas de se expressar. Às vezes não são compreendidos, são excluídos, exterminados pela escola, que ainda busca o modelo “perfeito” de aluno. É um olhar míope e ultrapassado, frente a corpos sedentos por liberdade de expressão e carentes de relações.

Qualquer atitude, por mais estranha que se pareça, começa a ser compreendida em um universo de significados que dá sentido aos comportamentos daquele grupo específico. (DAOLIO,2001)

Quando um aluno quebra - no sentido literal da palavra - a escola, ele simplesmente dá sinais de que a escola não é interessante da forma como é organizada. Mesmo que inconscientes do valor dessas atitudes – o que acredito que ocorra na maioria dos casos – os corpos estão, cada vez mais, sinalizando que existe algo errado. É necessário rever conteúdos, rever métodos de inclusão, olhar diretamente para o corpo, valorizar o aluno - sujeito sócio-histórico - seus pensamentos, suas atitudes, suas escolhas e seus comportamentos.

Assim, longe de confiar e acreditar nesse modelo que ignora a vida para além da escola e, que ignora o corpo como construtor de conhecimento, os alunos protestam contra o modelo vertical que a escola impõe pichando as paredes, quebrando os bancos, fazendo paradas, queimando lixeiras, “matando aulas”, dentre outras formas de manifestação. São os alunos – o corpo – pedindo passagem.

Toda ação humana deve ser considerada um ato social, que ocorre dentro de uma configuração dada pelo meio em que o homem vive (MAUSS, 1974).

No entanto, a escola julga essas formas de se expressar e de pedir licença como atos de vandalismo e violência. Não se preocupa em momento algum em escutar o que os alunos têm a dizer. Não procura entender quais os verdadeiros significados das ações, contribuindo assim, para evasão e desistência dos estudos por parte dos alunos.

4. A música

Um dos meios de construção e afirmação como sujeitos sociais é a prática musical. A música está inserida de diversas formas na escola e, se apropria dos espaços na forma de rodas de violão, bandas de rock, grupos de Hip Hop, grupos de canto (gospel) e, sem pedir licença invade o dia a dia dos alunos. Vai muito além de notas musicais e técnicas em instrumentos específicos. Ela influencia atitudes, gera confiança, amizade, respeito. É uma referência na elaboração e vivência da condição juvenil, dando sentido a vida de cada um, num contexto onde se vêem relegados a uma vida sem sentido.

Ao falar de música neste trabalho me refiro, principalmente, a grupos de rap, funk e hip hop, não excluindo outros estilos musicais, uma vez que independente do estilo tais considerações são perfeitamente aceitáveis.

Os jovens usam a música como forma de se expressar, forma de dizer o que pensam, de se inserir na sociedade, de serem vistos por outros, entre outros motivos.

A música acompanha os jovens em grande parte das situações no decorrer da vida cotidiana. A música como fundo, música como linguagem comunicativa que dialoga com outros tipos de linguagem, música como estilo expressivo e artístico; são múltiplas as dimensões e os significados que convivem no âmbito da vida interior das relações sociais dos jovens, sendo mais vivida que apenas escutada. (DAYRELL, 2005).

A música cumpre um papel significativo na vida dos jovens. Eles se envolvem e passam a construir suas próprias vidas em torno de um estilo. Encontram grupos e formam suas redes de relações e os seus projetos de vida em torno desse estilo, o que muito interfere na forma como ele se representa, na visão de mundo que possui e nos comportamentos e valores que expressa. Oferece aos jovens a possibilidade de conjugar a trama de um caminho de busca existencial com os signos de uma pertença coletiva. Para muitos a música (grupos musicais) é um dos poucos espaços em que encontra apoio, estabelece trocas e elabora projetos que dão sentido à sua vida.

A música constitui um agente de socialização para os jovens, à medida que produz e veicula molduras de representação da realidade, de arquétipos culturais, de modelos de interação entre indivíduo e sociedade, e entre indivíduo e indivíduo (DAYRELL,2005).

Os jovens se constroem como sujeitos sociais numa complexidade de espaços e tempos, estabelecendo múltiplas relações a partir de seu meio social. Apropriam-se desse meio, reelaboram práticas, valores, normas e visões de mundo. São sujeitos que interpretam seu mundo, agem sobre ele e dão sentido a sua vida. Possuem o direito de ser jovens e precisam que esse direito seja exercido, não só na escola, mas também na sociedade como um todo. Demandam escolarização, mas necessitam também de redes sociais de apoio maiores, políticas públicas que os respeite, desde o próprio viver e ser até o acesso a bens culturais. No entanto, o que se vê é uma escola que nega essa prática, ignora esse fenômeno que muito tem a contribuir para a educação e formação dos alunos.

Em seu trabalho com jovens Funkeiros e Rappers de Belo Horizonte, DAYRELL (2003) cita o exemplo de Flavinho, um funkeiro (branco) estudante do primeiro ano que possui apenas a escola como atividade fixa em seu cotidiano, além de ser a única instituição pública na qual pode ter acesso aos

bens culturais e a um espaço de reflexão metódica sobre si mesmo e sobre o mundo. Porém a atividade se torna maçante e os alunos dizem apenas suportar estar ali. Acreditam que a escola se fecha às possibilidades de inclusão de culturas e saberes advindos da rua, ou seja, de fora dos muros da escola.

Músicos de estilos como Rap e Funk se vêem abandonados pela sociedade e encontram muitas dificuldades para se constituírem como sujeitos sócio-culturais perante a sociedade. A escola os ignora, o mundo do trabalho lhes fecha as portas. São criativos, talentosos, ricos e carregados de valores e experiências positivas que poderiam ser divididas e compartilhadas com a sociedade.

A cena cultural rap em Belo Horizonte é ainda frágil. Mas essa fragilidade tem de ser entendida num contexto mais amplo. É a expressão do processo de estigmatização que o rap e as outras linguagens do hip hop sofrem, quase sempre vinculados à criminalidade e à violência juvenil, aliado ao incômodo que provocam por ser um estilo que se baseia na denúncia social, uma expressão cultural de "pobres, pretos e raivosos". Isso faz com que encontre poucos espaços no mercado cultural (DAYRELL, 2005).

São considerados sujeitos marginais, quando são na verdade sujeitos sociais buscando seu espaço para além das margens da sociedade. Invadem o cotidiano escolar mesmo quando são exterminados, expulsos. Sobrevivem a cada dia às pancadas que a escola os dá. Alguns, por vezes se rendem as facilidades da vida do crime, ou escolhem o caminho do trabalho assalariado justificado pela necessidade de sobrevivência não encontrada no meio musical.

Alguns, poucos, se tornam produtores, outros poetas. Alguns desistem da carreira profissional, mas não da paixão pela música.

Poucas escolas valorizam as questões culturais trazidas pelos alunos. Lembrome das várias vezes que levei meu violão para a escola e fui aconselhado a não levá-lo mais, podendo ele ser "tomado" pela direção e entregue apenas aos meus pais. Grupos de funk e hip hop são brutalmente ignorados e proibidos de atuar gerando a revolta nos alunos e depredação do ambiente escolar.

Enfim, a escola pouco sabe ou simplesmente nega o caráter socializador das questões musicais e artísticas. Passa por uma crise e tenta se resolver nela mesma. Não busca superar seus pontos negativos se abrindo a novos olhares. Continua alterando suas estruturas internas, afim de encontrar avanços e melhorias na educação. Acredito que essa mesma Escola, Escolarizada, Arquetizada especificamente para ser Escola, possa voltar seus olhares para os SUJEITOS ali presentes e, para o mundo no qual esses sujeitos estão inseridos e vivem cotidianamente. Devemos, nós educadores, ampliar nossos olhares sobre as questões da juventude, cultura e sociabilidade. Existem inúmeras formas de se iniciar esse processo e depende exclusivamente da vontade de cada um de nós. Precisamos moldar nossas aulas, nossos tempos de acordo com a sociedade na qual a escola está inserida.

5. Considerações Finais

Com esse trabalho chego a algumas conclusões e crio muitas outras dúvidas em relação ao corpo e a música. Como professor de Educação Física enxergo o corpo ainda muito retraído e pouco valorizado dentro dos muros escolares. Em tempos atuais ainda se pratica uma educação do corpo para o trabalho, ou até mesmo enquanto um processo de transitoriedade da vida jovem para a vida adulta. Em alguns casos o corpo só tem valor nas práticas esportivas. Valoriza-se muito o caráter biológico e pouco o cultural. Mesmo escolas que já possuem um molde de formação voltada para as ciências sociais e humanas, envolvidas em projetos culturais e que valorizam o corpo em sua totalidade, são frágeis e pouco conseguem mudar numa dimensão mais ampla. Acredito que faltam políticas públicas e coragem para superar interesses políticos que freiam o desenvolvimento da educação para um lado mais humano. As escolas não encontram apoio do governo nem iniciativas privadas interessadas.

A questão musical é ainda mais complexa. Se transformar a escola em um ambiente que assuma o corpo em sua totalidade, valorize a cultura, escute os alunos, e desenvolva conteúdos trazidos por eles já é difícil, fazer com que a escola entenda o significado de manifestações culturais como hip hop, rap e funk se torna quase impossível. Ainda conceitos pré-estabelecidos são usados contra grupos musicais destes estilos, sendo relacionados à criminalidade e violência, quando muitas vezes estão unidos contra marginalidade em busca de caminhos diferentes a seguir.

É preciso mudar. No entanto, não se trata de esquecer os moldes de educação já implantados, mas sim abrir os olhos para as questões sociais que são trazidas pelos jovens para o interior da escola. Essas manifestações culturais são ricas em conteúdos e podem sim fazer parte dos conteúdos discutidos dentro das salas de aula. Os alunos se mantêm na escola por acreditar em um crescimento pessoal, uma garantia de emprego, ou até mesmo garantia de

aprovação no vestibular. Seria possível escutar de um aluno que a escola é prazerosa? A partir do momento que voltarmos nossos olhares para a vida desses sujeitos, vindos de diferentes lugares, trazendo múltiplas bagagens culturais conseguiremos transformar esse espaço desigual e desmotivante em um lugar mais rico e principalmente mais democrático. Devemos sim ensinar português, matemática, história e ciências. Mas devemos também discutir sobre música, dança, capoeira, futebol, sexo, e tudo que a eles for interessante. Quem sabe no futuro encontraremos alunos dizendo: "Eu adoro vir pra escola", ou mesmo, "que pena, ano que vem vou me formar". É nesse espaço que os alunos passam grande parte da sua vida e é nele que eles devem entender o significado de respeito, educação, companheirismo, amizade, união. As artes são educativas. Estão ocupando diversos espaços fora dos muros escolares. Estão formando cidadãos, capazes de se manter e sobreviver a partir delas. Já estamos atrasados em relação a isso. Já passou da hora de incorporarmos TODAS essas manifestações às nossas estratégias de se educar. Vamos abrir os olhos. Vamos trazer pra escola o que é da escola.

6. Referências Bibliográficas

ALVES, Ruben. **A Alegria de Ensinar**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

ALVES, Ruben. **Conversas Sobre Educação**. Campinas, SP: Versus Editora, 2003.

BRACHT Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Cadernos CEDES, São Paulo, ano XIX, n. 48, p.69-88, ago. 1999.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber, elementos para uma teoria**. 1ªed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

DAOLIO, J. **A Antropologia Social e a Educação Física: possibilidades de encontro**. In: CARVALHO, Y. M.; RUBIO, K. (Orgs.). Educação física e ciências humanas. São Paulo: Hucitec, 2001, p. 27-38.

DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papyrus, 1995.

DAYRELL, Juarez. **“O Jovem Como Sujeito Social”**. *Revista Brasileira de Educação*. Set/out/nov/dez 2003, n.24. Associação Nacional de Pós Graduação e pesquisa em Educação – ANPED.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sociocultural**. In: DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DAYRELL, Juarez. **A Música Entra em Cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2005.

FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. 1. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida**. 2.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1980.

GUERTZ, C. **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOMES, A. M. R. . **Infância Xacriabá e alternativas para uma proposta de educação diferenciada**. In: 31º Encontro Anual da ANPOCS, 2007, Caxambu. Anais do 31º Encontro Anual da Anpocs, 2007.

Lave, Jean, WENGER, Etienne. ***Situated Learning***. Cambridge:Cambridge University Press, 1991.

MARQUES, Maria Ornélia da Silveira, (1995). Os Jovens na Escola Noturna: **uma nova presença**. São Paulo: FEUSP, Tese de Doutorado.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU-Edusp, 1974, 2v.

MUCHOW, Hans H. **Os fãs do jazz como movimento juvenil hoje**. In: Sociologia da juventude. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968, v. 3.

PEREIRA, Lúcia Helena Pena. **Bioexpressão – Uma proposta para a prática pedagógica**. Em busca da vida e da auto-expressão. 2002

PORTER, Roy. **História do Corpo**. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

SILVA, A. M. Elementos **para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional**. In: Caderno Cedes, Campinas, Unicamp, 1999.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Início e fim do século XX: maneiras de fazer educação física na escola**. Cad. CEDES, Campinas, v. 19, n. 48, ago. 1999.

VARAGNAC, André et al. **Sociologia da Juventude**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968. v. III. p. 107-112.

VAZ, Alexandre Fernandez. **Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal**. *Cadernos CEDES*, Campinas, ano XIX, n. 48, 1999a.

VICENT, G., LAHIRE, B., THIN, D. (2001). **“Sobre a história e a teoria da forma escolar”**. In: *Educação em Revista*, Belo Horizonte, jun/2001